

Amilcar de Castro  
Arthur Luiz Piza  
Carlos Vergara  
Eduardo Sued  
Franz Weissmann  
Hércules Barsotti  
José Resende  
Lygia Clark  
Marco do Valle  
Sérgio de Camargo  
Tunga  
Waltercio Caldas Jr  
Willys de Castro

# GABINETE DE ARTE

Raquel Arnaud Babenco Telefones (011) 881 9853 e 881 4220  
Avenida Nove de Julho 5719 São Paulo 01407 SP Brasil

de 13 a 25 de outubro de 1983

O Gabinete de Arte apresenta uma coletiva de obras dos artistas com os quais mantem um trabalho permanente: Amilcar de Castro, Arthur Luiz Piza, Carlos Vergara, Eduardo Sued, Franz Weissmann, Hércules Barsotti, José Resende, Lygia Clark, Marco do Valle, Sérgio de Camargo, Tunga, Waltercio Caldas Jr e Willys de Castro.

A escolha destes artistas advem de uma opção cultural, de uma firme crença na produção contemporânea, de uma inequívoca posição diante do mercado de arte e, consequentemente, junto a seu público comprador. O Gabinete de Arte sempre evitou qualquer relação imediata ou oportunista com o mercado e essa escolha clara e coerente se traduz nos trabalhos expostos. Eles por si só, indicam as áreas em que, com suas linguagens, constituem e demarcam a extensão do trabalho que o Gabinete de Arte tem efetuado.

Propositalmente, a exposição coincide com a abertura da 17.ª Bienal, onde se encontram, como artistas convidados, José Resende e Waltercio Caldas Jr. Em atenção ao público da Bienal - artistas, críticos, estudantes, colecionadores e visitantes - essa exposição, "Imaginar o Presente", reúne os trabalhos que vêm mostrar minha escolha. Demonstram que o difícil encontro atitude profissional junto ao mercado e coerência cultural ainda é possível.

Raquel Arnaud Babenco

## IMAGINAR O PRESENTE

A maneira mais simples, também a mais comum, de ignorar a arte contemporânea é perguntar o que ela significa. Ou ainda, para que serve. Essa espécie de questão pressupõe uma exterioridade, um lugar qualquer onde se possa, de fora, interrogá-la. Este lugar seria, naturalmente, uma "certeza" - o real, o mundo, a vida - e são essas falsas certezas que cabe à arte justamente recusar - o que será o *agora* senão uma abertura, uma premência, uma pulsação indefinida? Numa era de incertezas - sociais, existenciais, científicas - exigir da arte uma empatia e uma significação prontas equívale pura e simplesmente a negá-la enquanto modo de conhecimento.

E, no entanto, em que outra esfera da nossa complexa, mas estritamente contabilizada, vida social, se poderia experimentar um pensamento e uma sensibilidade como os que movimentam a arte contemporânea? Onde mais é possível mediar a nossa intrincada subjetividade e a maciça objetividade que nos oprime? E ainda: onde mais esses pólos vêm a se encontrar, precariamente que seja, senão nessa atividade que gera telas, objetos, coisas, fato até, *imediatamente* enigmáticos? Com eles, através deles, neles mesmos, vivemos a nossa condição de seres da Luta de Classes e do Inconsciente. Os novos trabalhos de arte não fazem menos do que *materializar*, em profundidade, a crise da metafísica ocidental. Se não desejamos vagar por espaços ilusionistas pré-modernos, qual a arte que vai nos satisfazer a não ser aquela que se dispõe a *incorporar* a crise?

Certamente, desde Cézanne, a arte tem algo de filosofia. E, segundo um filósofo, Merleau-Ponty, a filosofia devia sempre ter algo da arte.

Assim o conhecido descompasso entre a arte moderna e o público é inevitável e, de modo algum, põe em risco a sua existência. Como se sabe, a arte moderna impôs-se, literalmente reconstruiu a nossa percepção e o nosso ambiente. O que está em xeque, ao contrário, é a situação alienada do "público". De fato, a arte contemporânea só se deixa apreender *de dentro*, demanda uma conversão da nossa sensibilidade. Mas, pensando bem, essa demanda não é nada autoritária: solicita tão somente o reconhecimento e a atenção para os conturbados processos que constituem o mundo atual. A estranheza dessa arte é, afinal, a estranheza do próprio real - o que assusta nela é, exatamente, a sua extrema proximidade.

A arte contemporânea, não há como negar, parece nos deixar sem ação e sem resposta. E precisamente aí, nesse estágio de suspensão, nesse parênteses, nessa pauta e nesse silêncio, está a sua lição. Por um momento, ficamos desarmados, não podemos consumir, nem utilizar. Tampouco somos arrebatados para algum *além*. O limite do juízo estético, para Kant, era o *Sublime* e a sua exigência final: *imaginar o infinito*. Essa tarefa irrealizável levava o homem a viver o grandioso dilema de sua condição metafísica - o ser que postulava o impossível. A proposta da arte contemporânea, num mundo que pretende assumir radicalmente a finitude da Razão humana e o projeto de sua História, não seria menos problemática, apenas um pouco mais urgente - a questão passa a ser *imaginar o presente*.

Ronaldo Brito